

O “PHOTOGRAPHEIN VAI À ESCOLA” EM TEMPOS PANDÊMICOS

ANA BEATRIZ REINOSO ROSSE¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – anabeatrizreinoso25@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – clauvmattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Photographein Vai à Escola”, criado em 2012, inserido âmbito das ações de extensão do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq), tem o objetivo de levar conhecimentos de forma lúdica e proporcionar discussões críticas em torno das leituras visuais do mundo e do consumo consciente das imagens, aos alunos de escolas públicas do ensino fundamental dos municípios de Pelotas e Rio Grande. Entretanto, por conta das peculiaridades pandêmicas do tão chamado “novo normal”, que nos encontramos nesse ano de 2020, foram necessários o replanejamento e o remodelamento do projeto.

Assim, o presente artigo tem por finalidade expor a caminhada, às atividades, modificações e dificuldades enfrentadas pelo projeto de extensão “PhotoGraphein vai à Escola” neste ano de 2020, em meio a uma pandemia, um trabalho vinculado à bolsa PBA/Extensão/AAF. Dentre essas, a criação de um website para o projeto também como espaço de memória, disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/photographeinescola/>

2. METODOLOGIA

Frente a esse “novo normal”, no qual nos vemos encarando apenas quatro paredes vinte e quatro horas por dia, nos vem um sentimento latente de saudosismo, de nos reconectar com aquilo que já passou. Olhar para o passado, não simplesmente com um olhar saudoso de “dias melhores que não voltarão”, mas sim criticamente e analiticamente, sempre foi a melhor maneira de repensar o nosso presente e até mesmo remodelar o nosso futuro. Assim considerando, os integrantes atuais do projeto “Photographein vai à Escola” elaboraram uma entrevista de modo online com antigos integrantes, bolsistas e professores, que participaram do projeto com o intuito de resgatar relatos e histórias desses membros sobre as suas experiências no referido projeto, tanto na comunidade acadêmica e no âmbito escolar.

Em um momento onde o contato físico se torna quase impossível, o maior meio de comunicação e visibilidade se torna as redes sociais, e com o “Photographein vai à Escola” não foi diferente, mesmo não estando presente fisicamente nas escolas o projeto pôde ter uma maior expansão e visibilidade ao usar as redes sociais como ferramenta, não somente como forma de apresentar o projeto, compartilhar experiências e vivências, mas como meio de manter contato com a comunidade. Sendo assim, a criação do referido website como suporte para a organização das memórias do projeto, foi o primeiro procedimento adotado. A partir dele foi possível organizar e expandir a proposta.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de observações na comunidade e do feedback dos antigos integrantes do projeto, foi notável uma grande necessidade de algo voltado para a formação continuada de professores de arte nas escolas de Pelotas e Rio Grande. Essa carência sendo notada, o “PhotoGraphein vai à Escola” passará então a atuar de maneira online, oferecendo cursos de formação continuada a professores, com encontros virtuais e material didático com enfoque crítico na fotografia. As entrevistas foram importantes também para subsidiar o planejamento do referido curso.

Desde os primórdios da fotografia até os dias atuais, analisando a forma que vemos e consumimos as imagens, principalmente como as crianças as consomem diariamente atualmente, entedemos como o tema se torna significativo para abordagens pedagógicas. Vendo como manipulamos as imagens e como elas nos são apresentadas, como suas narrativas funcionam, trabalham e para quem trabalham, como se dá a sua reverberação nas demais artes, e como essa reverberação é vista e aceita, é um foco importante para ser abordado pedagogicamente.

Não somente trabalhando no plano das ideias, os cursos que serão oferecidos pelo projeto também trarão processos fotográficos artesanais com a construção de câmara Pinhole. Derivado do Inglês Pin-Hole traduzido livremente como “buraco de agulha”, trata-se de um compartimento totalmente vedado onde não possui luz exceto por um pequeno buraco por onde ela entra, que pode ser construída com material alternativo, por exemplo com uma lata de sardinha. Assim não abordaremos apenas os conhecimentos estéticos da fotografia, como também processos físico-químicos e manuais da geração das imagens fotográficas. O foco não é simplesmente levar conhecimentos aos professores, mas sim passar conhecimentos de forma crítica para que estes possam posteriormente levar aos seus alunos, visto que:

A humanidade permanece, de forma impenitente, na caverna de Platão, ainda se regozijando, segundo seu costume ancestral, com meras imagens da verdade. Mas ser educado por fotos não é o mesmo que ser educado por imagens mais antigas, mais artesanais. Em primeiro lugar, existem à nossa volta muito mais imagens que solicitam nossa atenção. [...] Essa insaciabilidade do olho que fotografa altera as condições do confinamento na caverna: o nosso mundo. Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça — como uma antologia de imagens. (SONTAG, 2004, p. 13)

O resultado das entrevistas com os antigos integrantes do projeto não poderia ser mais próspero, derivou-se além de informações que estão sendo publicadas no site oficial do projeto, informações essas que ficam disponíveis para o público em geral não somente a comunidade acadêmica, como também foi possível ouvir e observar os diferentes pontos de vista, recuperar diversas narrativas e montar um repositório da história do projeto.

No momento o curso de formação continuada de professores proposto pelo “PhotoGraphein vai à Escola” segue na etapa de elaboração, a primeiro momento o curso será voltado somente para professores de artes das escolas no qual o projeto atua, entretanto, em vista da procura, o curso poderá ser oferecido aos professores da comunidade em geral.

Mesmo o projeto não estando diretamente e fisicamente presente nas escolas nesse momento, é observável o impacto que o programa exerce tanto nos novos e antigos integrantes quanto na comunidade, este ponto fica mais claro ao observarmos o notável aumento do público em decorrência da participação nas atividades do projeto através das redes sociais.

4. CONCLUSÕES

Apesar das dificuldades encontradas, o projeto demonstra que, mesmo em meio a uma pandemia, ainda é possível transmitir educação de qualidade de forma gratuita e fazer uma conexão entre a universidade e a escola, levar e proporcionar o conhecimento acadêmico além das barreiras universitárias e coloca-lo em prática.

Foi reconhecida e afirmada com as entrevistas com os antigos integrantes do “PhotoGraphein vai à Escola” a necessidade de mantermos e relembrarmos a nossa história e a do conjunto, sempre ouvindo, reunindo e respeitando as diversas narrativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

SONTAG, S. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.